

# Briga sem anestesia na Saúde

*Ministério Público vai investigar denúncia de que anestesiologistas formam cartel. Mais de 6,6 mil pacientes aguardam cirurgia*

Beth Veloso  
Da equipe do Correio

**U**ma guerra não declarada saiu ontem das trincheiras para tomar conta das ruas. Os adversários nesse combate, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal e a Cooperativa Brasiliense dos Anestesiologistas (Cobrasa), sentaram-se para discutir um impasse que dura meses: a falta de anestesiologistas na rede pública do Distrito Federal. Como todo conflito, o estopim da briga é econômico. Unidos como uma tropa, os anestesiologistas se recusam a aceitar um salário bruto em torno de R\$ 1.300, que nem se cogita ser aumentado pelo governo.

Organizada em cooperativa, a categoria quer terceirizar os serviços prestados nos hospitais públicos. E para vencer o inimigo, usa a velha tática de sufocamento: deixar que a carência de profissionais asfixie os hospitais, onde as salas de cirurgia estão fechadas enquanto milhares de intervenções cirúrgicas são adiadas *ad infinitum*. As baixas desse duelo não fazem parte de nenhum dos lados. São as 6.648 pessoas que aguardam por uma cirurgia nos hospitais públicos, segundo dados da Secretaria de Saúde.

No papel das forças de paz, o Ministério Público patrocinou uma audiência pública para tentar selar um acordo. Ontem, colheu informações na tentativa de investigar se há ilegalidade no comportamento da Cobrasa e da Secretaria de Saúde.

A reunião partiu de uma denúncia do Conselho de Saúde do Distrito Federal. No dia 14 de agosto, o conselho enviou representação ao Ministério Público, ao Conselho Regional de Medicina e ao Conselho Nacional de Saúde, na qual denuncia que os profissionais da anestesia estão agindo com "formação de cartel, visando exclusivamente obter vantagens e remuneração diferenciada dos demais servidores da instituição".

Na prática, a categoria quer prestar serviços pelo sistema de cooperativa, e não como assalariados. Assim, receberiam por procedimento e não por remuneração mensal. E teriam maior poder de negociar as tabelas. "No início o preço é baixo. Depois começa a subir. Dentro de pouco tempo, torna-se inviável. Eles estão cartelizando", protesta a secretária de Saúde, Maria José Maninha.

## NOVOS COLEGAS

O presidente da Cobrasa, Neri Bot-

tin, garantiu que a proposta de terceirizar essa área não é apenas para melhorar a remuneração dos profissionais — que seria no mínimo o dobro do salário oferecido pela Fundação —, mas também o atendimento ao público. "A cooperativa visa resolver o problema crônico de falta de anestesiologistas que vem desde 1984", garantiu.

Além desse argumento, a Cobrasa usou outras armas para pressionar o governo. Distribuiu circular, com patrocínio de um laboratório privado, recomendando aos anestesiologistas da Fundação Hospitalar que recusem horas extras. "Vamos colaborar com o movimento dos nossos novos colegas", apelava na carta a diretoria da entidade, referindo-se aos anestesiologistas que fizeram concurso em julho, mas desistiram de ser servidor público. Neri nega que tenha influenciado na decisão dos candidatos. Dos 25 aprovados, apenas sete tomaram posse. "A cooperativa jamais incitou a não assumir o emprego e a não fazer concursos", garantiu Neri.

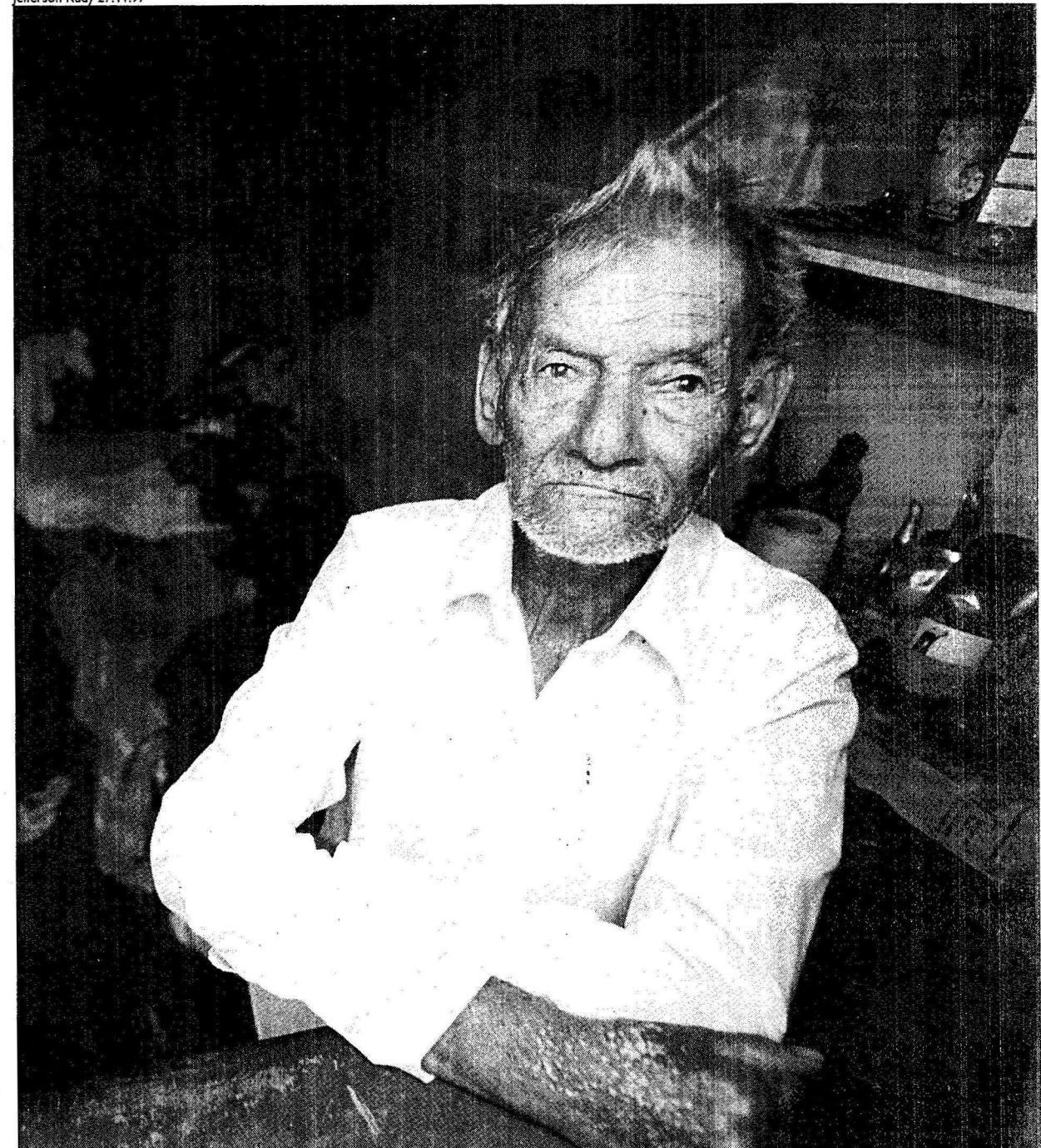
Um dos concursados afirmou, sem se identificar, que recusou a vaga porque, além do salário baixo, o contrato temporário não oferece qualquer segurança. "Eu sou a favor da medicina pública, mas seria. Não o trabalho de graça", sustentou.

O concurso era apenas um anestésico para a falta de profissionais nessa área. A rede pública tem hoje 130 anestesiologistas, 88 a menos que o necessário. Essa carência alimenta uma fila de espera de pacientes de todos os tipos. Argemiro Gomes, um lavrador pobre de 77 anos, aguarda dolorosamente uma cirurgia de próstata para estirpar um tumor que lhe consome as últimas forças, condenando-o a viver sob um leito humilde no Paranoá.

O sofrimento dele não é maior do que do pequeno Edson, um menino de nove anos cuja saúde está cada dia mais abalada por um problema sério de rim. Filho mais velho de Maria Passos, ele precisa fazer uma cirurgia para aumentar o tamanho da bexiga, pré-condição para que faça um transplante de rim no futuro.

"Ele nasceu com hidrocefalia, depois teve infecção urinária e com quatro anos tirou um rim. Se fizesse o aumento de bexiga, podia se preparar para o transplante", diz a mãe, uma dona-de-casa que mora em Santa Maria. A secretaria de saúde está preparando um cronograma para fazer um mutirão cirúrgico no final de janeiro.

Jefferson Rudy 27.11.97



Argemiro Gomes, 77 anos, é um dos milhares de pacientes que esperam por cirurgias, adiadas por falta de pessoal